

FRAGMENTOS DE CONEXÕES



**Quando o Olhar
Possibilita o Enxergar**

Ana Rita de Calazans Perine

A convivência é uma arte da qual somos todos aprendizes...

**Há que ter preparo para o encontro
Força e coragem na busca
Escuta aguçada
Coração e mente abertas para a entrega**

O segredo passa por ajustarmos
ritmo e contra ritmo,
movimentos e pausas,
mantendo a leveza necessária
para curtirmos cada etapa da caminhada.
Felicidade é uma conquista interna,
radicada no mais profundo de nós mesmos.

**Pulses...
Busques...
Sejas Tu...
A Própria Vida!**

Ana Rita de Calazans Perine
Belo Horizonte / MG
Março de 2011

Sumário

Vida / Abril 2008	04
Corpo Meu - Alma Minha / Abril 2008	05
Perto ou Longe... Fica no ar / Julho 2008	06
Curiosa Sensação / Julho 2008	07
Dislexia / Abril 2009	08
Ocaso / Maio 2009	09
Febre / Junho 2009	10
Presença da Voz / Junho 2009	11
Continente / Julho 2009	12
Agosto / Agosto 2009	13
Em Cena / Setembro 2009	14
Contemporaneidade / Novembro 2009	15
Credor "ad infinitum" / Novembro 2009	16
Fuga / Fevereiro 2010	17
Nem negro nem branco, gris / Fevereiro 2011	18
Homenagem (em Quatro Tempos)	
Êxtase / Maio 2007	19
Egito – Elo entre passado, presente e futuro / Novembro 2007	20
Aos Quatro Elementos Sagrados / Novembro 2007	21
Manancial / Janeiro 2009	22

VIDA

Ana Rita de Calazans Perine,
Abril de 2008

Poderia eu te chamar de TEMPO?
Não. Ele escorre entre os dedos.
Tu permaneces...

Poderia eu te chamar SONHO?
Nem tanto. Afinal de contas...
Sonhos são tantos!
E tu, és tão única Vida Minha...

REALIDADE SONHADA.
Sonho de quem?!
Será que é isso que, de fato, importa?
A Vida está. A Vida é.
Tudo bem, eu sei...
O sendo, a Vida foi projetada.
Mas, estaria o projeto acabado?!

Talvez...
O PRESENTE defina a Vida.
Simples ou ricamente embrulhado,
Não importa,
É festivo!

Não há festa sem convidado...
O que define a festa?
O QUE DEFINE A VIDA?!

FLUXO?...
Muito provavelmente.
MISTÉRIO?...
Certamente.
Vida como VAGA DE ONDA
Que nasce onde nosso olhar não alcança...
Lá, bem além do horizonte!
Vida que brota da morte.
Uma vez e outra vez,
E outra, e outra, e outra...

Onda que varre e atrita a areia.
Irreverente e inescrupulosa...
A onda pela areia modificada,
Volta como onda...
E meia!

Ahá!!!...
A VIDA CONSTRÓI-SE!

PAIXÃO contida ou extravasada...
A própria Vida!
PROJEÇÃO?
IMPULSO?
De onde, para quem?!

Esqueças Alma e Vida Minha...
Deixes os devaneios...
VENS!

Rompes, ainda que por instantes,
Com tantas interrogações...
Não permitas que te sufoquem...
Leias tua própria história!

Há que despir-te de medos
E verdades prontas...
E, por favor, sem falsos pudores.
Permitas-te CORAGEM e OUSADIA
De colher respostas...
Todo santo dia!
E, uma vez colhidas...
Não te esqueças:
Relativize-as!

Não fiques trancafiada no
aprisionamento estéril
E conformista dos absolutos...
PULSES...
BUSQUES...
SEJAS tu...
A própria Vida!

CORPO MEU - ALMA MINHA

Ana Rita de Calazans Perine,
Abril de 2008

Quero-te sempre.
Não torturante,
Mas inebriante...
Corpo Meu - Alma Minha.

Velho e grande amigo,
Companheiro inaudito,
Saiba que conto,
E contarei sempre contigo.

Como te descubro
Sempre que me desnudo...
Corpo Meu - Alma Minha.

O caminho só se mostra...
Na caminhada!
É na jornada que desvendo...
A real morada!
Tão amada...
E, por vezes, tripudiada.

Quem mora em quem?
Quem sustenta quem?
Corpo Meu - Alma Minha

Que ironia...
O espaço por habitar
Já faz a nossa alegria...

Padeço
Quando me esqueço...
E que tropeço!
Negar o atrito
Quando tanto já foi dito!
Ele põe brilho no olhar...
É ele quem nos conduz ao altar!

Altar erguido e sustentado...
Pela ligação!
Falo da doce e reconfortante vertigem...
Da tensão!
Corpo Meu - Alma Minha

Embora a ilusão sufocante,
Da impossibilidade do alcance,
Torne-te muitas e muitas vezes...
Errante!

A via não finda,
É da Vida!
A estrada quem faz...
Sou eu!
Na caminhada...
Corpo Meu - Alma Minha

Amada Minha...
Quero-te em mim!

E quem te disse,
Amado Meu...
Que algo se deu
Sem que eu estivesse
Aqui. Agora!

Assim...
Enroscada,
Espiralada
Nos suaves contornos
Da tua madrugada.

Grande amigo...
É preciso esquecer...
Para lembrar!
Dormir...
Para acordar!

Serei eu,
Corpo Meu
Que te acompanharei
Em cada nova alvorada.

Então,
Alma Minha
Um brinde...
E não só meu!

PERTO OU LONGE... FICA NO AR

Ana Rita de Calazans Perine
Julho de 2008.

Essa emoção que me invade
Não importa se cedo ou tarde...
Provoca náuseas e calafrios
Próprios de quem arde...
Névoas doces
Chegam a sufocar...

Expectativas sobrevoam atos contidos
De corpos que não se tocam
Mas cujas almas vivem o entrelaçar...
Esses, mesmo ao longe
Tão perto parecem estar...
Outros perto e, tristemente, tão longe
Que dilaceram todo realizar...

Que amarga pretensão essa "pseudo-humana"
De tudo querer controlar...
Não se tem o direito de extravasar?!
O que fizemos, que mal cometemos para que
Descaradamente
Nos roubem o profundo olhar...

Desde quando passou a ser proibido o enxergar?!
Será que teme-se nada encontrar...
Ou o medo é o de podermos nos achar?!

Pra quê esse pânico...
Estúpido, hipócrita...
O terror da queda
Sem mesmo o próprio vôo alçar...

Perto ou Longe?!
Responda quem for capaz
De ir além do mero fantasiar...
Se pronuncie não só aquele que imaginou
Mas aquele que de fato colheu (porque plantou)
Chegou ao alto e soube
Suavemente aterrissar

CURIOSA SENSAÇÃO

Ana Rita de Calazans Perine
Julho de 2008.

Sensação estranha
O perder-se da pessoa amada
Quando de tanto enclausurar-se
Na solidão pretendida
De repente
Percebe-se desconexa
Mas ainda assim...
Curiosamente atada e querida

Acha-se quando perdida
E perde-se...
Quando não preenchida

Sei que parece meio desleal
Quando não completamente atônito...
E boçal
Mas aí é que está o nexa vital
E o coração que pulsa...
É o grande sinal

A pele que arrepia...
O ar que não se respira...
A luz que o olhar irradia...
Tudo...
Venal

Quando o gesto não sai mais articulado
É só estabonado...
Dói, machuca...
Corrompe e corrói

O tom do que é bom e correto
Não é condicional
Não tem o menor sentido
A figura do rival
Afinal, é o movimento
Que faz o canal

É o livre correr que faz um rio...
Enveredando-se por cantos e recantos
Aturdido, à bel prazer
Ou a necessidade imposta
De atrelar-se a comportas
E perder-se
Tolhido do transbordar
Proibido de circular?!

A sede está para ser saciada
Ou contida...
O que faz de nós seres humanos
Híbridos que somos
Se nos negamos o direito
Do livre irrigar?!

Temos muitas sedes
Temos muitas fomes
Não há como negar

Que o real discernimento
Finalmente tome o assento
Que impulsione nossos momentos
Brotando do nosso verdadeiro nome
Que rompa com tanta fome
Nos brindando com aquelas
Que precisam ser enxergadas
E, justa e humanamente, saciadas

DISLEXIA

Ana Rita de Calazans Perine
Abril de 2009.

Vontade...
Não sei bem de quê...
Talvez te ver...
Longe de estar claro o porquê
E vendo, me pergunto:
Fazer o quê?

Que torpe embuste quando o peito aperta
E mesmo com todas as portas abertas...
Hesitamos
E não ousamos.

Babacas...
Nos julgamos bacanas e inteligentes
Por vezes quase sobre-humanos.
Prepotentes...
A que custo complicamos
Deficientes...
É o que nos tornamos.

Apesar do berreiro nas entranhas ecoar
Represamos e nos calamos...
Mas só estamos retardando o estourar
Temo e, mesmo assim, anseio pelo estrondo
Cedo ou tarde, é inevitável, ele brotará
Veremos, então, o que
E quem restará.

Venhas, estás me ouvindo?
Tô te peitando...
Quero e suporto bem mais que o confronto
Cavo, busco, planejo e promovo...
Encontro.
Confio no meu taco
Podes esquecer...
Não deixo barato.

Engraçado, que paródia a vida...
No palco, sob os holofotes
Tão bem articulados
Falas, gestos e olhares estudados
Lampejam a autonomia
Na coxia faltam os dotes,
Sobra a agonia.

Pulsando a vida se retorçe e contorce
Constrói-se e reconstrói-se, sempre
Sempre clamando guarida.

Vida magistral...
A quem busco? Pergunto-me afinal
Eu mesma ou alguém meio marginal...
Será que faz diferença a crença
Ou o sentimento de pertença.

Dono não tenho, recuso cabrestos
Grito, pulo, esperneio...
Fatigada, um tanto quanto avexada
Recolho tudo e ponho nos devidos cestos.

Me aprumo no primeiro dos eixos,
Suspiro, combalida
De tão contida...
É só mais um
Entre tantos desleixos...

O perigo é real,
Preemente.
Dislexia geral,
E está entre a gente.

OCASO

Ana Rita de Calazans Perine
Maio de 2009.

Parece estranho, confuso e meio inconseqüente
Com tudo que se deu, e não deu, entre a gente
A reaproximação marca presença
Assim, de soslaio e de repente
Não quer saber de licença
Nem de crença

Mesmo buscando a nudez que abraça e complementa
A fala concatena idéias e trata de ocultar
O que o olhar revela sem quase hesitar
Sempre que encontra o outro a mirar

A cumplicidade que até então ficara a espreita
Afrouxa o nó na garganta
Solta um pouco mais a voz
Vibra, amplia...
Percebe-se liberta e eleita

Somam-se impressões
Como em fusões...
Explodem as mil e uma cores
Das emoções

A noite convida, irreverente
O luar potencializa, serena e docilmente
Mas a mente não cala...
Ardilosa, rouba a fala
Encurta o gesto
Inocula a pressa
Afasta, tenazmente...

Entorpece ondas de loucura
Que trafegam na gente
Bloqueia, retarda...
Teme o inconveniente

FEBRE

Ana Rita de Calazans Perine
Junho de 2009.

Quando tudo parece tranqüilo, sereno
A gente, mesmo distante
Se sobressalta com o roubo do instante
Que a recordação emocionada dá vida
Pulsamos, errantes...
Exilamos o ameno
Enaltecemos o exuberante
Intensificado o calor
O torpor dilata o semblante
Por vezes parece não ter volta...
A passagem é só ida

Embalsamado, o corpo entorpece
Como que alucinada
A realidade, até então sensata
Fica difusa... desaparece
A mente libera, brilhante
Confere volume, aguça sentidos
Ao vazio se soma o preenchimento
Ao ar, o soluço
Ao som, o grito

Assim, aos poucos
E de tanto clamor
Nos sentimos sanamente loucos
Mas como tudo tem seu tempo
Em pleno ardor
A energia se esvai

A saudade, que se sabe
Não tem idade
Não escolhe, necessariamente
Entre iguais

Contida, rasteja faminta
Como um berrante que quer sopro
Para ecoar
É orgulhosa demais
Para se fazer notar

Extravasada,
Ainda que dentro de coordenadas
Não sem esforço
Vai ficando opaca
Aplaca

A febre abandona o dorso
O coração desmente
A retomada de prumo
Ainda bate sem rumo
Aceleradamente...

E nós, toscos
Sábios travestidos de loucos
Ou seria o contrário...
Quem controla
O que chamamos de imaginário...

PRESENÇA DA VOZ

Ana Rita de Calazans Perine
Junho de 2009.

Palavra, fala, expressão...

Torna audível os sentimentos

Imagem, reflexo, tensão...

Cor e forma dos momentos

Sabotagem, escusa, negação...

Privação do crescimento

Loucura, devaneio, imaginação...

Ousadia que rompe com planejamentos

Põe brilho na reflexão

E risco nos acontecimentos

Mesmo que o receio traga a rouquidão

Não admitimos o meio

Buscamos o inteiro

A comoção...

Da falha e falta da vociferação

Brota a cosmo visão como complemento

A voz represada em tantos empreendimentos

Se sente içada pela audição

O tato e o olfato querem envolvimento

Seguem a lei da atração

O paladar faz o chamamento

Ao prazer, jamais dizer não

Mas há algo de menos neste agrupamento

Muito teoria, ainda pouca ação

Porque tememos tanto o comprometimento

Com a força que trazemos dentro

A tal da intuição

(Não tardas, te peço, ardas)

E redijo em testamento

Amplias minha impoção

Quero-te junto, sem laceramentos

Rompendo grilhão após grilhão

Prossigas negando confinamentos

Faças bater ainda mais o coração

Assim, não há como tardar o escoamento

A voz liberta e intensificada virá em explosão

Se deste desaguar advir desmoronamento

(Por favor, sem culpas nem desculpas...)

Me poupes da frouxidão

Firmes o pé, mesmo em meio a desfalecimentos

Busques sempre a magia do encantamento

E sorrias... Já é dia!

É chegada a hora de dilacerar condicionamentos

(O sol brilha, a vida inspira...)

Impera a conexão

CONTINENTE

Ana Rita de Calazans Perine
Julho de 2009.

Mais uma vez
Por um passo dado
Em um rompante de insensatez
Fica alguém ao largo
E de tão longe...
Perde-se a nitidez

Se o envolvimento foi profundo
Pouco se sabe
A boa memória no moribundo
Também fenece
Desaparece

Mesmo a melhor lembrança
Em todo mundo
Com o tempo e sem cuidado...
Esvaece

Sempre que negamos
O papel que nos cabe
Menores ficamos
Fragmentados reforçamos
O necessário conclave

Aí está
Para os que ousarem enxergar
Uma boa chave...
Para despertar

Pouco importa se esmiuçamos
Aos mais loucos brados o alarde
O importante é que percamos
O medo medonho que no peito arde

Travestidos de cautela...
Covardes é o que nos tornamos
A preguiça paralisante ecoa...
Infantilidade
Própria do cabisbaixo
Cambaleamos...
Ante a ilusão da mobilidade

Há que promover travessias
Lançar pontes entre as ilhas
Sem sofreguidão
(Mas com muito coração)

Aproximar continentes
Como acontece
Aos entes
Que se tornam
Presentes
Sempre que se reencontram

Não estão mais ausentes
Rechaçam apelidos
Respondem pelo maior dos nomes
Não estão mais contidos

Só calados captamos
O ritmo que embala o humano
Em um momento magistral
Mergulha-se
No universal

Ao nosso redor tudo se faz singular
O plural reconhece sua idade
Imbricado no uno
Seu núcleo de verdade

Antes escravizados...
Marginalizados
Agora enraizados...
Potencializados
Aprendendo a ser gente

Vivendo...
Plenos de nós mesmos
Toda a vida
Magicamente

Já não nos lançamos a esmo
Temos direção
Rompemos com o isolamento
Afastamos a colisão
Este é o nosso momento
Todos únicos e igualmente...
Importantes

Somos
(De fato)
Criadores e criaturas...
Fascinantes

AGOSTO

Ana Rita de Calazans Perine
Agosto de 2009.

A gosto...
De quem?!
Julho já foi...
Setembro?!
Ainda vem...

Foram tantos os dias idos
E outros muitos esperam
Aturdidos

Entre o ontem e o amanhã
A estação do hoje nos cumprimenta
Como o sol que renasce
Em cada nova manhã
O que se espera
De nosso clã...

Que o julgamento seja refreado
Nem de longe
Estamos sentenciados
Somos nós quem
Livremente
Construímos o nosso dia a dia

Só a nós cabe transformar
Cotidianamente
Em infernos e paraísos
Os dias da gente

Que os anseios
Entre tantos querereres
Não se percam em devaneios
Que refuljam os poderes

Em miríades de vezes
Que firmemente
No sulco do solo floresçam
Brava e paulatinamente
Sem receios
Os sonhos que nos irmanam
E nos tornam diferentes

Brota do mais tênue
O gozo humano
Quando esgotadas as forças
No mundo profano
Encontram-se outras...
Em outro plano

EM CENA

Ana Rita de Calazans Perine
Setembro 2009.

Em um momento dado

A cortina se abre...

Ator ofuscado

Pela luz do sentimento

Pulsa a cada fala e gesto projetados

Pelo próprio deslumbramento

Percebe-se apaixonado

Já te sentistes

Querendo desnudar um personagem

Vestido

Com tua própria imagem?

Reparastes a cena

Que teu peito procura ocultar

Mas em cena

Não há como o corpo não revelar?

Até que ponto emoções contidas

Ali se mostram escancaradas

Refletidas?

Na coxia

Instintos aprisionados

Pura rebeldia...

Falseiam liberdade

No palco

Assombrados

É tanta a fidelidade...

Sensações brotam

Aos borbulhões

Sentimentos içados

Já não mais se sentem

Atados

Cada cena imprime novo renascimento

O tom vem da musicalidade do texto

Brilha em eterno momento

O ritmo quem confere és tu ator...

Carregas teu indelével contexto

Como um andor...

Mantida a fidelidade

Do movimento

Marcados os atos

Em cada elemento

A cortina se fecha...

Novo encerramento

Como enclausurar?

O ator transborda...

Tu não cabes em qualquer lugar

Mascarado...

Teus olhos ficam à mostra

Ludibriado...

Percebes-te maior e melhor

Confundes-te com quem és

Entorpecido...

Pela ilusão do encantamento

Teatro...

Profusão de emoções

Em cada ato

Ator e Platéia...

Negando obliterações

Com a força de uma idéia

Vida...

Fluxo e refluxo

Também acolhida

Lança, recolhe

Em um novo direcionamento

Acolhe

Atenuada a euforia

Por vezes

Quase eudaimonia

Tu pairas no ar...

E lá vamos nós

Acompanhados

E a sós

Na conquista de equilíbrios

Sempre querendo chegar...

Maravilhosamente perdidos

Mascarados

E iludidos...

Nus, e nos julgando

Completamente vestidos...

Tu és capaz de não te identificar?!

CONTEMPORANEIDADE

Ana Rita de Calazans Perine
Novembro 2009.

Já reparastes
Amigo meu
Não só em meu peito
Como no teu
Os múltiplos contrastes
Que abrigamos
E insanamente incautos
Negamos
A visão que a retina capta
E imprime

Sob o nome de emoção
Que gera e mata
O pensamento conduz
Vai dando vazão
Sublime
Navega entre tormentas e calmarias
Não percebe que priva, reduz
O equilíbrio que advém dos dias

Soberbo na privação
Não passa de meliante
Exterioriza gula na lassidão
Letargia que embriaga
Dilacerante
Não sacia
Provoca obesidade
Vicia

Por todo canto
Em toda idade
Somos cobertos pelo manto
E expostos pela vulnerabilidade
Do fastio, a ressaca
Da compulsão...
A intoxicação que mata

O movimento frenético da modernidade
Que decepção
Tem negado o ritmo da civilidade
O engodo do truste
Rouba a ação
Tamanha é a perplexidade
Que irrompe do embuste
Na minha e na tua cidade

O ser humano brota
Em plena anorexia
Clama por satisfação
Rechaça o que nega
A clausura do dia
Quer sentido, significado
Amplidão...
Novidade na rota vida

Somos um
Sendo muitos
Que revelação
Sempre há algo de luz na sombra
Calor no frio
Bem no mal
Ordem na confusão...

Esta parte
Que nos permeia e une
Quer partitura completa
É capaz de me manter imune
E a todos sempre alerta

Conjugando grave e agudo das claves
A música se faz presente
De odes em odes
É ouvida nota a nota...
Sacode até o mais ausente
Ilumina a rota
Põe brilho e motivação
Verdade patente
Só nos individuamos
Abraçando a multidão
Que trazemos dentro da gente

CREDOR – *ad infinitum*

Ana Rita de Calazans Perine
Novembro 2009.

Vermelho
A dívida aumenta demais
Olhes-te no espelho
Mentiras jamais

Queres negociação
Não dá mais para esperar
Sim ou não
Pares de Lastimar

Partas para ação
Não é hora de recuar
A vida não é só ilusão
Há muitas portas para entrar

Que eu seja privada da sensação
Esta me nego aturar
A incoseqüência sem noção
De passar a assoviar
Fingindo desatenção
As oportunidades que se fazem notar

Consideras-te vítima de ingratidão
Melhor rememorar
É de uma vastidão
Faz bem enfrentar

FUGA

Ana Rita de Calazans Perine
Fevereiro 2010.

Ofusca a mente
A lembrança esquecida
Rouba-nos do presente
Ensandece a vida

Algo meio torpe na gente
Aparece pedindo guarida
Em um repente
Exige acolhida

Tanta força que sente
Nem se questiona se merecida
Abre-se passagem ao ente
Comanda a vontade atrevida

Trafegando o pensar somente
Na ilusão de horas perdidas
Do passado renascem velozmente
Recordações para o futuro queridas

Sede não se ressentir
Natural demandar saída
Somos todos potentes
Em viagens só de ida

A volta temente
Demanda ações pretendidas
Ponderações emergentes
Interrompem a fuga prometida

A inteligência eloqüente
Gera imagem refletida
Da falta que firmemente
É presença desmedida

Navego novamente
As mesmas águas combalida
Como se fosse diferente
A mesma investida

Acordada sonho freneticamente
Dormindo desperto erguida
No íterim nossa história nascente
Insere-se para ser lida

NEM NEGRO, NEM BRANCO, GRIS

Ana Rita de Calazans Perine
Fevereiro 2011.

Oportunamente chega a hora
Da luz e escuridão do palco amainar
Longe dos especiais efeitos
O texto toma o lugar
Talvez transcendência consista
Na coragem e ousadia do caminhar
De levantarmos sobre nós mesmos
Rompendo grades
Escalando muros
Identificamos outro elemento a nos guiar

A potência obstinada em nós presente
Amedronta e nos faz mudos
Enfraquecida pela espessa névoa
Da emoção contida num repente

Preconceitos
Resiliências
Pensamentos torpes e estreitos
Entorpecem o senso de conexão
Sem indulgências
A expectativa aperta o coração
Cria uma
Rompe outra vida

Na tempestade frenética das águas
Duas aves em disputa
Agonizam
Já não refletem o encantamento
O peso não deixa envergar as asas
Comprometido fica o movimento

O pouco pulso nos obriga
A rastejar a esmo
Uma entre tantas debilidades
Qual criança pedinte
De acalanto e afeto
Não importa a idade

Não cresce
Não paga pelo cambiante esforço
De andar como gente grande
Corpo altivo
Ereto

A teimosia invade
Em uma vida sofrida
Onde se carrega de tudo
Menos o que é nosso
Confunde-se o olhar
Branco ou negro
O que posso

A noção do ritmo é esquecida
Desbota o suave brilho
Do caminhar
Retumba o colosso na angústia
Que insufla no fosso da dúvida
Se lançar

E a maravilha da vida
É que quando a ela
Nos entregamos
A certeza da força
Reverbera em todos os planos

Nos largamos
E surpresa
Ninguém sucumbe
Avançamos

A cor de novo é realçada
O distante fica perto
A superfície aquece o profundo
O significado é descoberto
Secamos a sede
Inundados de mundo

A sombra da melancolia
Pensando tocar o escuro da noite
Dá lugar ao claro suave da alegria
Levitamos num açoite
Rumo a mais um dia

Não sou mais negro nem branco
Lua e sol em harmonia
Nas serenas águas dos sentimentos
Em um cintilar de nostalgia
O horizonte começa a esboçar
A imagem cada vez mais presente
De um real cisne gris a despertar

Não há mais lamentos
Tudo o que nos cabe na mente
Confirmam visão e coração atentos
Já não são dois a duelar
Do momento ergueu-se o mito
Elegante

Asas em riste
Pronto para voar
Sente a densidade da água
Mas é na sutileza do infinito
Que se dá seu deslizar

O olhar agigantado
Pela força do imaginar
Liberta da clausura
Quem o esquecimento condenou
Não resta dúvida
Confirma a partitura
O seu tempo chegou
Está pronto para reinar

ÊXTASE

Ana Rita de Calazans Perine
Maio de 2007.

Sentimos o Caminho, a Verdade e a Vida,
no momento em que nos dispomos
a caminhar...

Um caminhar mais consciente,
desperto...

Capaz de trazer profundas lembranças,
lembranças que resgatam a alma.
A amplificam e a unificam
em um só Ser...

Ser que, a par de seus múltiplos contrastes
e infindáveis experiências vida após vida,
guarda no seu âmago a diretriz de servir
ao Amor...

Na busca pela Beleza,
pela Verdade e pela Justiça.
No desafio cotidiano de conquistar
a si mesmo,
e a harmonia que nele habita.

Tudo que fazemos,
pensamos e sentimos...
Tudo que sonhamos,
planejamos e concretizamos...
Por mais incoerente e disperso
que nos pareça a primeira vista,
guarda íntima ligação
com esta premissa.

As sequências de eventos
que compõem os minutos, horas
e dias das nossas vidas,
são poderosas ferramentas mágicas
a nos guiar de volta para casa.

A casa é eterna.
Foge totalmente do cárcere do espaço-tempo.
Interna, sagrada...
É o fluir que a tudo
e a todos envolve.

É o Nilo metafísico fecundando
e nutrindo o plano físico.
O imaterial densificado na matéria.
Para quê?
Para fazer pulsar o coração dos homens,
dos "homens de boa vontade".

Não somos poucos, tampouco somos muitos...
Somos um só!

Honro a maestria que me mim habita
e a partir da qual posso contigo, VIDA,
me conectar.

Este é o Poder, esta é a diferença!

Assim foi, é
e sempre será!

EGITO

Elo entre passado, presente e futuro

Ana Rita de Calazans Perine
Novembro de 2007.

Pedra viva, que pulsa e vibra
Verdade que não requer ser pronunciada,
É sentida
Eternidade que preserva, nutre e cala...
Profunda jornada
Sonho plasmado, refeito,
Minha medida do perfeito
Equilíbrio dos opostos, harmonia pelo complemento
Preenchendo espaços como areia no vento
Força que abraça e compreende
Sabedoria que enlaça e sempre,
Sempre aprende
Prumo retomado, refeito
Identidade revelada, no mais oculto da sagrada morada
Se vê o caminho, o caminhante e a caminhada
Em um só, grande, mágico e potente ser
Recém realçado, inspirado

EGITO...

O meu, o teu, o nosso...
Para sempre lembrado.

AOS QUATRO ELEMENTOS SAGRADOS

Ana Rita de Calazans Perine
Novembro de 2007.

OLHO DE HÓRUS , princípio justiceiro
Capaz de evadir as sombras e acessar o verdadeiro,
Orientai o meu olhar
Que eu aprenda, num só, harmônico e preciso movimento,
Costurar o que está fora com o que trago dentro.

Que, com coragem e ousadia,
Eu erga minha COLUNA DE ESTABILIDADE
Todo o dia.
Solidez e verticalidade que transpassa meu ser
E que anula qualquer resquício psicológico de pequenez.

Enxergando além do *estou* para encontrar quem verdadeiramente *sou*,
Que eu seja capaz de converter desafios em superações,
Visualizando e transpondo a PORTA MÁGICA na sólida parede,
Portal para acessar eu mesma,
Como fina e translúcida rede,
Que captura e liberta
Pela certeza do compreender.

Assim renascida,
Agora em nada exaurida,
A BARCA navega ritmadamente as ondas da vida.
Tal qual fiel da balança, chega a lembrança...
Eu sei quem sou
Eu sei onde estou
Eu sei para onde
E como vou.

MANANCIAL

Ana Rita de Calazans Perine
Janeiro de 2009.

Minh`alma busca o aconchego em teu farto seio
E mata sua sede nas tuas cristalinas águas

Eterna fonte do saber a jorrar

Umbral do navegante que lança-se ao horizonte
Para um novo amanhã semear

Enxergo e absorvo tua força, sinto e ouço teu sopro
Como suave brisa a me inspirar

Gigante eterno que no jogo de luz e sombras dos tempos
Jamais se permitiu soterrar

Inegável é tua presença em tantos outros momentos
Que sempre ansiei no teu solo físico mais uma vez pisar

Teu nome sempre fez parte do meu
É tua a energia que move o meu melhor circular

Ontem, na medida das minhas força e compreensão ajudei a te construir
Hoje me encanta te sentir e poder com tantos outros tua magia repartir
Amanhã, o que estará por vir...
Certeza não tenho, mas ousar sorrir



Ana Rita de Calazans Perine

Filósofa, pesquisadora e educadora. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, ênfase em Filosofia do Direito, Direito Mercantil, Ambiental e Internacional. Diretora do Instituto Orior e da Universidade Complementar Academia Cultural. Membro da Sociedade de Educadores Giordano Bruno. Atua nas áreas de Desenvolvimento Humano e Transformação Cultural. Coordena diálogos continuados interligando Arte, Ciência e Tradições. Facilita e estrutura em distintos grupos, reflexões filosóficas e consequente aplicação no dia a dia, correlacionando os desafios do mundo e homem modernos com os referências atemporais da Filosofia. Junto a De Calazans Perine – Viagens Especiais, atua na elaboração de roteiros voltados a análise histórica e filosófica da trajetória do homem em nosso mundo. Responsável pela fundamentação filosófica do Projeto Construção de Nação Sustentável, uma iniciativa que vem mobilizando organizações e talentos em prol da consertação global, a partir do território brasileiro.

- ✓ Adoro GENTE, com toda a densidade e sutileza que comporta a palavra.
- ✓ “Rabiscar papéis”, pra mim é terapêutico...
- ✓ Em um mundo onde impera a hipocrisia e a relação rasteira consigo mesmo e com o outro, não é de se estranhar que o conceito da normalidade tenha se tornado estatístico. Parece que quanto mais "normais" ficamos, mais afastados do natural estamos.
- ✓ É extremamente prazeroso enxergar o humano se expressando verdadeiramente, crescendo com as diferenças, devidamente costuradas e legitimadas pelo que todos nós temos de similar, fundamentalmente nossa humanidade. Sinto que o brilho nos olhos, o sorriso estampado no rosto e a vida pulsando em nós decorre deste processo.
- ✓ Os grandes tratados mitológicos e filosóficos de todos os tempos, enfatizam a necessidade de construirmos uma ponte unindo e legitimando Terra e Céu, Matéria e Espírito, Corpo e Alma, promovendo o nosso "Segundo Nascimento", o consciencial. Conhecido como "maiêutica" na Grécia Antiga, "guerra florida" nas civilizações pré-colombianas, "despertar do sol interno" no Egito Antigo, "desabrochar da flor do lótus" na filosofia indiana e tibetana. O conceito de todas estas tradições, distantes apenas no espaço-tempo, fala de nos apossarmos da Força que em nós habita, buscando o que nos faz unos, íntegros, inteiros... HUMANOS. Eles nos ensinam o sonhar, nos dão asas... Cabe a nós alçar vôo.

Contato:

ardecalazansperine@gmail.com

[facebook](#)

[linkedin](#)

Sites recomendados:

www.institutoorior.com.br

www.academiacultural.com.br

www.dcp.tur.br